

Sammy A dívida e a dúvida

21 JUL 1985

JORNAL DO BRASIL

Wilson Figueiredo

A Nova República, com toda a corda, vive a sensação de velocidade agradável a quem está atrasado. Vamos indo à toda desde o ano passado. Não foi preciso esperar pela eleição direta para os brasileiros sentirem o gostinho de fazer o Presidente da República. Princípios presumem-se eternos. Pois que esperem.

Na correria, José Sarney elegeu-se vice mas tomou posse como Presidente. Na hora de passar a terceira marcha, porém, reduziu para agüentar a curva fechada. E logo parou, sem saber qual das estradas seguir para chegar mais depressa.

Uma placa enorme indicava, à esquerda, a BR-JK com o percurso mais longo porém mais agradável: inflação, desenvolvimento e mercado interno. À direita, outra placa assinalava a dívida externa e a dívida interna, na auto-estrada mais perigosa pela grande velocidade exigida.

Por onde seguir? A dívida rolando por conta própria e a dívida rolando atrás. O Presidente não hesitou: parou para pensar: o Ministério não é dele. Tem apenas o usufruto dos ministros. Para baixo, ainda menos. Foram indicações da Aliança Democrática e, uma vez repartidos os cargos, todos se deram democraticamente por satisfeitos. A aliança foi retirada do dedo por incompatibilidade de gênios. Com o Congresso também não conta.

Sozinho na estrada, Sarney olhou para dentro e viu a dívida crescer em cruzeiros. Olhou para fora e viu a outra, em dólares. Todos buzinam ao mesmo tempo. Não lhe faltou vontade de interromper a viagem, mas nesse trecho não há acostamento. Foi seguindo devagar enquanto repassava a Nova República, que fez a reforminha política e se assustou. Assombração? Não: falta de reação. Nunca foi tão fácil. Se havia tanto acordo entre os brasileiros, para criar partidos à vontade dos eleitores, por que a eleição de prefeitos e a permissividade para casamentos eleitorais tiveram que esperar tanto?

À margem da estrada presidencial surgiu a sortida loja de departamentos, onde a História do Brasil oferece à freguesia utilidades e inutilidades igualmente preciosas.

Antes de descer, porém, Sarney arriscou uma de madrastra de Branca de Neve: espelhinho meu, já houve neste país devedor mais liberal do que eu? O retrovisor foi sincero: houve Juscelino Kubitschek.

Para quem foi da segunda geração udenista não chega a ser uma afronta. Mas por que o Congresso não quer casar comigo? Insistiu Sarney. O retrovisor endureceu a resposta: por causa da dívida externa, que não é um dote animador. Livre-se dela e verá. O Presidente resolveu então oferecer uma grande recepção para ouvir os governadores. Assim foi feito e Sarney ficou sabendo que a solução mais rápida para a dívida externa é a demora em pagá-la, num país historicamente inadimplente até para pagar promessas políticas. Devedor que se preza tem que mostrar indiferença pela dívida.

No espelho da opinião pública, Sarney recolheu o conselho: endureça com o FMI, já que não pode endurecer com os que deixaram a dívida para você pagar. Dirigiu-se então, a passos firmes, para a seção de roupas feitas e escolheu o estilo de JK como o mais adequado para apresentar-se diante do FMI.

O negócio do Presidente por enquanto é a dívida que rola de fora para dentro. Nada o impede, no entanto, de devolver a dívida, rolando-a sobre os imprudentes credores. Não percebem por acaso que não pode ser igualmente bom para o devedor o que é lucro do credor?

Sarney ouviu de uma lisonjeira pesquisa que os brasileiros andam por aí dizendo que é melhor reformar do que pagar dívida. Ainda bem: o Presidente chegou a pensar (no começo) em apresentar-se vestido no padrão severo da República velha, ao agrado dos eternos liberais em matéria de dívida externa. Recusa-se terminantemente a Nova República cobrar de uma vez a dívida interna a quem não tem condições de pagá-la numa geração. Apenas para ser agradável aos credores de fora, não.

Em vez de trajar-se à Campos Sales, o Presidente Sarney vai mesmo é de JK. E, para descontrair credores e devedores, faz o Ministro da Fazenda vestir-se à Joaquim Murinho — isto é, de homeopata — para tratar a inflação segundo o velho e sábio princípio do *similia similibus curantur*, tão mais ao gosto brasileiro. Com pequenas e freqüentes doses de emissão é que se cura a inflação — passa a ser o refrão da Nova República.